

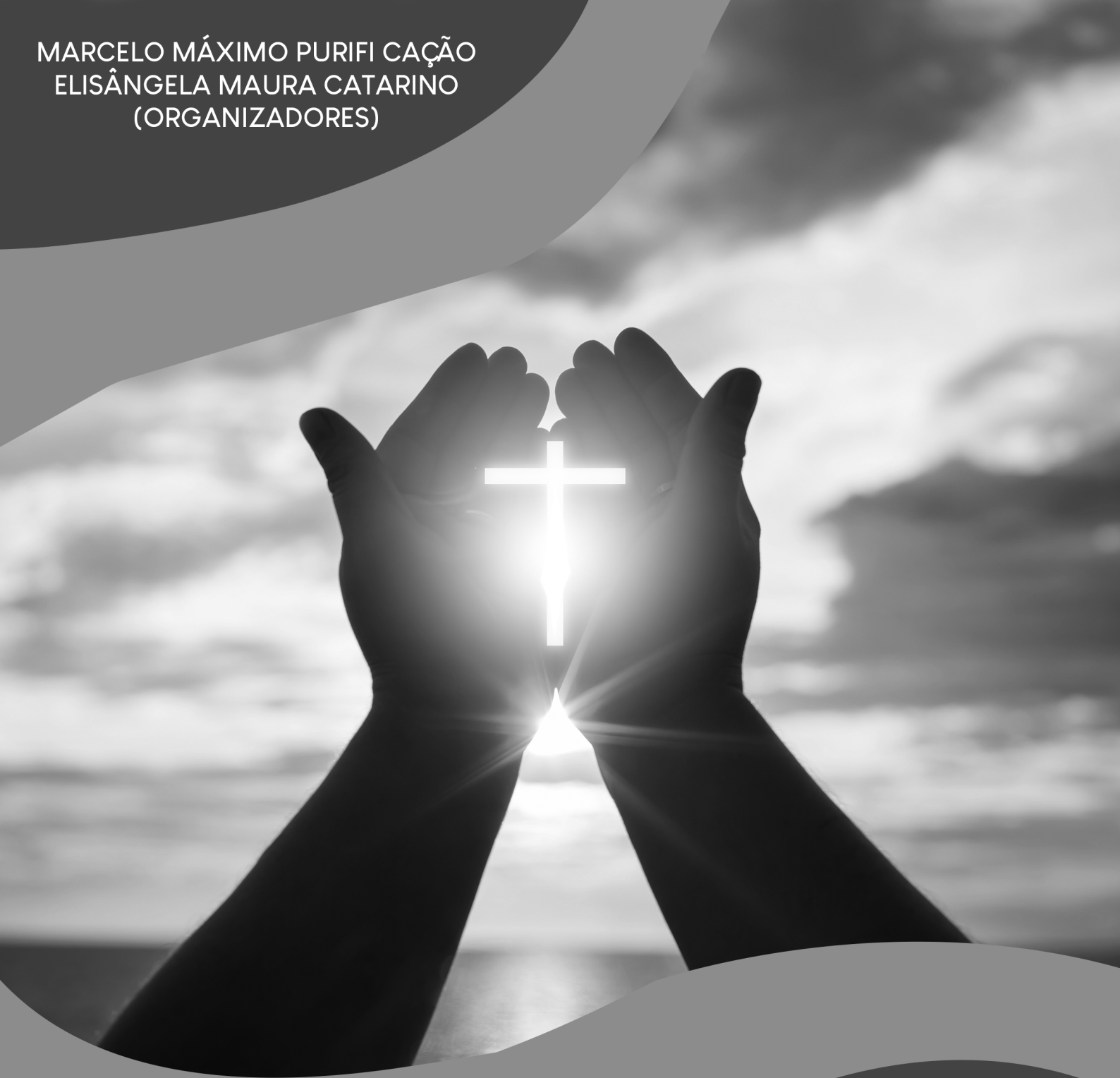
MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA  
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:  
AGENDA PARA DISCUSSÃO

  
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO  
ELISÂNGELA MAURA CATARINO  
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA  
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:  
AGENDA PARA DISCUSSÃO

  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino

### PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>44</b>
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>52</b>
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919127</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>61</b>
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>71</b>
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4581919129</b>	
<b>PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>79</b>
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>106</b>
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>118</b>
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>131</b>
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191215</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>153</b>
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>166</b>
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>182</b>
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45819191218</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>194</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>195</b>



## SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO

Data de aceite: 18/11/2019

**Giuliano Martins Massi**

Doutorando em Ciência da Religião (Universidade Federal de Juiz de Fora)

**RESUMO:** Sem interação com a vida e a natureza não há religião. Vida e natureza estão juntas, mas nem sempre o homem compartilha dessa união. A vida e a natureza são hoje uma unidade quase rival para o ser humano hodierno, que tenta, artificialmente, ser algo à parte da arriscada vida natural. Não há religião sem vida, nem há vida plena com distanciamento da vida natural. A vida simulada não é vida verdadeira. Este capítulo aborda esse tema a partir de três dinâmicas presentes na vida dos seres humanos: a dinâmica espacial, a dinâmica temporal e a dinâmica humana propriamente dita, essa última afetada diretamente pela evolução social e tecnológica e pelo que vem sendo chamado de *gamificação*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida; Natureza; Religião; Agenda; Gamificação.

THERE IS NO RELIGION WITHOUT THE INTERACTION OF THE LIFE WITH NATURE: SPACE, TEMPORAL, HUMAN CHANGES AND GAMIFICATION

**ABSTRACT:** There is no religion without the interaction of the life with nature. Life and nature are one, but sometimes mankind does not share this bond. Life and nature are almost a rival unity to the hodiernal human being, who artificially tries to be detached from the risky natural life. There is no religion without life, and there is no full life detached of natural life. Simulated life is not truly life. This chapter approaches this topic by three dynamics expressed on mankind lives: spatial dynamics, temporal dynamics, and human dynamics itself, directly affected by social and technological evolution and by what is called as gamification.

**KEYWORDS:** Life; Nature; Religion; Agenda; Gamification.

### 1 | INTRODUÇÃO

Sem interação com a vida e a natureza não há religião. Vida e natureza estão juntas, mas o homem nem sempre compartilha dessa união. A vida e a natureza são hoje uma unidade quase rival para o ser humano hodierno, que tenta, artificialmente, ser algo à parte da arriscada vida natural. A confirmação do fato óbvio de estar vivo chega ao virtual, na privilegiada esfera do pensamento deslocado da realidade concreta. A satisfação com resultados virtuais, no entanto, provoca o encastelamento do

humano em si mesmo, em ciclos (ou fases) de reavivações não naturais. Conforme o homem se afasta da natureza e modifica sua vida, aprisionando a si mesmo em um tempo e em um espaço próprios, promove sua própria autoconfirmação de outra forma, uma afirmação virtual que substitui a realidade. Nesse processo, a religião, cujo universo de atuação é a vida e cujo parâmetro é a natureza, se dissolve e tende a desaparecer.

Mas como se define a vida? Nas palavras do eterno poeta brasileiro Vinícius de Moraes, “A vida é a arte do encontro”. A vida não se define: a vida é. Uma arte, uma criação. Uma criação humana, divina ou natural. O encontro de existências as eleva a um sentido maior do que elas são no plano visível, porque, muitas vezes, os encontros não são criados pelos humanos. Muitos encontros não são planejados. Se tudo faz parte da vida, tudo pode se encontrar. Sendo arte, suas possibilidades de encontro passam pela percepção tipicamente humana, que vê a vida com olhares mais amplos do que qualquer outro ser vivo. Lamentavelmente, na atualidade, os homens cada vez mais cercam, aprisionam, restringem a vida e desviam seus próprios olhares de tudo o que está realmente vivo.

Nada indica mais a presença da vida do que a natureza. A natureza é o que nasce, cresce e perece no tempo natural. Tudo o que é fabricado pelo homem não é natureza. Por mais que o homem construa coisas imitando a natureza, ou com elementos que remetam à natureza, ou por mais que o homem insira exemplares da natureza na construção de seu meio, isso não é natureza. A natureza que é transplantada ou arrancada, quando e do modo que o homem quer, não é natureza. Eis outro tipo de controle da vida que é, hoje em dia, obsessão do ser humano. Mais que isso, inclusive: a tendência é que haja, em grande medida, a substituição da vida natural por outra, mais controlável e virtualmente mais bonificadora.

A religião aborda a vida e o além-vida, e o que mais expressa a vida é a natureza. A natureza ampla, e não apenas a natureza humana. A vida, contudo, pode adquirir outra dimensão na perspectiva do ser humano: uma perspectiva excludente, limitante, limitada, atemporal e centrada em si mesma. Pode existir outra vida, ou qualquer outro tipo de vida: vida religiosa, vida monástica, vida familiar, vida virtual, vida digital, vida prisional... Mas vida, a vida mesmo, é toda. Parte da vida não é vida. É, sim, possível se afastar de toda a vida, mas ela permanece lá para ser referência do que se quer deixar para trás ou modificar.

Manter a referência de vida humana na vida natural é algo um tanto óbvio para quem se preocupa com a vida completa, com a vida humana e com a religião na vida com o eterno em meio às coisas que perecem. Mas esse tema precisa ser revisto por ser um assunto que está na agenda tanto da área da Teologia quanto da Ciência da Religião, um tema preocupante para o agora e para o futuro próximo da humanidade.

Apesar da relação entre ecologia e religião ganhar cada vez mais relevância

como um campo de estudos extremamente importante para o homem e para o planeta, é possível adotar outro tipo de abordagem, não estritamente ecologista, considerando três dinâmicas presentes na vida dos seres humanos: a dinâmica espacial, a dinâmica temporal e a dinâmica humana propriamente dita.

## A DINÂMICA ESPACIAL

Se você está lendo este texto e pode olhar para o lado e ver alguma árvore inteira, da raiz à copa, talvez você compreenda o que é vida completa. Considere-se uma pessoa de sorte, caso você possa observar a natureza impactando sua vida mais do que as luzes e imagens em uma tela de pixels.

Porém, caso você esteja em sua sala, ou no seu escritório, ou no seu quarto, ou na frente do computador em um ambiente fechado, provavelmente irá olhar ao seu redor e não encontrará nada que a pura natureza tenha criado por conta própria. Tudo o que está ao seu redor foi modificado pelo ser humano para te proteger da natureza aberta, de seus riscos e de suas diferenças. Mas evitar o risco também é um risco, e nada se faz sem consequências colaterais. Em termos emocionais e vivenciais, há um grande risco em superproteger um ser humano: o risco de subtrair uma imensa parte de mundo que poderia ser conhecida para que a pessoa protegida não o enxergue, nem meça seu tamanho, nem perceba suas variedades, nem encare seus problemas e nem considere suas diferenças como outras vidas possíveis. Intencionalmente ou não, cercar espaços é limitar a vida em todos os sentidos.

Evitar o mundo sugere imaturidade, tanto de quem evita quanto de quem força outros a evitar. Proteger dos riscos presumidos é, também, evitar que alguém descubra, por si só, qual a maneira própria de se defender perante o mundo, acarretando um efeito inverso: o de produzir seres humanos que se defendem o tempo todo, usando palavras agressivas e apelidando desafetos como se fossem crianças crescidas sem razão, criando castelos de opiniões nos quais há armas apontadas para fora, com alvos bem definidos por ideólogos de plantão. Eleger parte do espaço para se viver, desconsiderando outras realidades, acarreta um ser humano incompleto. Quando se escolhe uma posição, escolhe-se a defesa perante algo supostamente diferente. Quem escolhe lado escolhe inimigos, como se eles precisassem ser escolhidos.

Nós nos cercamos de concreto, tinta, cadeiras, equipamentos eletrônicos, papel, aço, plástico, fibras de carbono... Praticamente tudo ao redor de uma pessoa que esteja dentro de um prédio (ou de uma casa tipicamente urbana) é artificial, produzido ou transformado pelo homem. Quase nada vindo diretamente da natureza está no mundo em que o homem contemporâneo vive, a ponto de ser possível dizer que o homem não vive mais no espaço da natureza e, portanto, não participa tanto dessa dinâmica quanto naturalmente deveria. O espaço natural se modifica o tempo

todo, mas o espaço humano gerou isolamento do fluxo vital incontrolável da natureza.

O espaço modificado humano determina uma nova dinâmica para as pessoas. Uma dinâmica rápida no deslocamento de um lugar para o outro, durante a qual passa inatingível, pela janela, muito espaço irrelevante para a vida atual. Uma dinâmica que, no destino, também é limitada e limitante em termos de movimento, e restrita em visão de outras coisas senão do espaço restrito em que se vive na maior parte do dia. É, igualmente, uma dinâmica sem referências significativas de mudanças físicas ao redor. Lá fora a chuva não é vista, nem é visto o processo de decrepitude da fachada, e também não se ouve o som da queda dos frutos das árvores. O homem atual quase nunca vê o espaço ao seu redor se modificar naturalmente.

O espaço no qual hoje o ser humano vive é artificialmente reduzido: casa, escritório, restaurante, galpão, linha de montagem, auditório... Mas há vida. Um tipo de vida estranho, mas, ainda assim, vida. O ser humano vive em qualquer espaço, até em uma cela de convento, com o justo objetivo de restringir o próprio deslocamento e a expressão ampla do corpo, na busca pelo plano incorpóreo. A chamada vida espiritual (ascética ou monástica), embora não seja vida ampla (em comparação ao que nós conhecemos como vida normal), precisa da vida material porque a vida ampla é exatamente o que se quer afastar. Jamais um religioso consciente irá propor a destruição da vida natural, ou qualquer outro tipo de vida. É preciso atentar, porém, que os monges e as freiras não buscam enganar a si mesmos em relação ao espaço que ocupam. O mosteiro não é uma brincadeira ou uma simulação, nem contém distrações para compensar a frieza das paredes. Às vezes contém hortas e pomares.

Quase todas as religiões surgiram da natureza. Quase todas nasceram em contextos de interação com a natureza, ou melhor, com a natureza em fluxo. Os nativos do Brasil imaginavam que no fundo dos rios fluía não apenas água, mas a força da eternidade da vida que não pode ser interrompida com as mãos. Os totens visavam eternizar um pouco do que era humano ou divino nas expressões dos animais da natureza, nas mais variadas formas. Moisés viu a luz do holofote de Deus agir sobre um arbusto, sem queimá-lo. Buda alcançou a iluminação embaixo de uma árvore que, como toda árvore em geral, trocava suas folhas ano a ano. Jesus usava a natureza para ensinar.

Há quem sugira uma religião ligada aos extraterrestres, mas, aí, foge-se um pouco do padrão. Essa adoração parece ser mais uma adoração à tecnologia (que precisa mudar o tempo todo para a satisfação humana e para produzir sentido) do que a qualquer outra coisa.

Se a tecnologia não muda ano a ano, tal como a natureza faria, ela se torna obsoleta, presa ao passado e sem poder em si para revalidar o presente. A expectativa é de que a tecnologia irá trazer o novo, não importa qual novo, para alimentar existência humana. Sem consumo do novo, a vida aparentemente não se

renova. A pergunta da fé tecnológica é: “qual é o seu próximo novo?”. Desta feita, pouca gente se preocupa, atualmente, se as folhas ficarão verdes no ano que vem, mas uma multidão aguarda o lançamento anual daquele aparelho celular famoso e caro. Evidencia-se a sensação de que não é a natureza que faz vivo o homem, mas a tecnologia. E da mesma maneira que o homem fugiu do espaço da natureza para se proteger, agora foge para o mundo virtual para se sentir vivo, claro, pois não há mais conexão com as mudanças naturais na vida ampla, que deveria ser vivida.

Se o espaço ao redor não muda tanto, a tecnologia faz esse papel de entregar ao humano o sentido da eterna mudança. Ao mesmo tempo, as pessoas querem parecer eternas. Até seu espaço de maior domínio, o espaço corporal, sofre intervenções a fim de aparentar ser tão eterno quanto possível. Perguntar a idade de alguém é visto como uma indelicadeza, ou seja, fazer alguém lembrar que caminha para a morte natural chega a ser ofensivo. A religião, que lida com a vida e o além-vida, é essencialmente evitada, sem as pessoas se darem conta disso.

O âmbito material, que suporta a vida humana, atualmente adquire aura de eterno. O eterno cai na percepção de que eternas são as coisas que o homem faz. A cada dia cresce a distância entre a natureza e o ser humano, entre os ciclos naturais e a vida artificial, entre o tempo vivido pelos outros seres do planeta e nós, entre o tempo que decorre lá fora e o nosso tempo artificial em ambiente fechado, tempo que não mais depende de referências externas para comprová-lo ou justificá-lo, pois basta ser passagem das horas, muito diferente da concepção de tempo de passagem da vida.

O espaço em que o ser humano vive não é mais como era antigamente. Não apresenta tantas plantações que nascem no horizonte, tantas flores que brotam na praça e depois murcham e desaparecem. Não se vê a vida se transformar como se via antes. Então, se não percebemos a vida como ela é, de verdade, como podemos conceber algo que vai além dela? Como perceber a eternidade da vida, independentemente da existência humana? Esse entendimento de eterno que precisa da vida e vai além da vida é a religião.

A transformação, qualquer transformação, seja pessoal ou coletiva, ou de um estado para o outro, necessita ser vista para a compreensão daquilo que não se transforma, para aquilo que é eterno. Ver a transformação do mundo natural é fundamental para se saber das transformações em si, de todas elas.

Como diria Raimundo Panikkar, peregrinar é romper com a centralidade do pequeno eu. É ganhar espaços, atravessar o tempo. É fazer tal como São Tomé Apóstolo fez, peregrinando na direção do encontro com Jesus, à sua maneira e por sua perspectiva peculiar de homem simples que tocou Deus em carne, chegando até a Índia e a uma praia que lhe dava visão para o nascer da luz pela manhã. Ali ele esperava o retorno do eterno.

A verdade está na vida e a vida é múltipla, se mostrando em lugares diferentes. Qualquer pessoa que almeje conhecer a vida não irá permanecer no mesmo lugar: habitará o lugar da criança, do jovem, do adulto e do idoso. Quem se limita ao espaço físico humano que lhe foi dado jamais irá perceber que os diversos nomes que Deus assume, ao redor do extenso mundo em que vivemos, têm uma só essência.

Apenas quando tentamos compreender o outro no espaço do outro, vivendo com o outro, próximo, no local que o outro vive, nos posicionamentos que o outro assume, saberemos da vida além de nós. Essa palavra – posicionamento – aqui é especialmente significativa. Cada um se posiciona como pensa seu próprio pensar, até que venha a compreender que outros existem, seja no mesmo espaço de convivência, seja longe, seja a partir de um texto ou de uma paisagem. Daí passa a considerar outras possibilidades de destino, além da sua. É a isso que nós chamamos de leitura.

A leitura não transforma o mundo, nem transforma pessoas que transformarão o mundo: a leitura mostra a quem lê que existem destinos diferentes dos seus. A leitura dá ao leitor outras visões de mundo e a percepção de que seu destino não é o único que existe. Ler traz como resultado o reconhecimento de outros espaços de mundo, ampliando as possibilidades de encontro. Ler é ver além de si.

O que transforma o mundo é a vida. Vida e mundo não são exclusivamente nossos; no entanto, se nós não nos encontramos a nós mesmos, não estamos vivendo plenamente. Sem vida plena, não vivemos. Se um menino abandonado na rua pode vir a se tornar um médico, quando tem tudo para se transformar em um bandido ou um pedinte para o resto da vida, esse menino deve receber todas as possibilidades para se tornar um profissional que salve vidas. É necessário retirá-lo do lugar de desprezo.

Do lugar de abandono surgem grandes tragédias e dores. A natureza humana não pode ser abandonada, e o lugar do humano precisa de cuidado para se transformar em algo bom, que produza frutos. Em um mundo cada vez mais distante dos frutos naturais, esse é um grande desafio. Vivemos cada vez mais separados. Quem separa mais do que ajunta é especialista na morte.

Cada vez menos percebermos cotidianamente o que é mutável e o que é eterno, e que um depende do outro. A concretude nos dá a sensação de que tudo ao nosso redor permanece, contendo a força para ser eterno. Não se consegue notar o que muda e o que não muda no espaço à nossa volta, portanto, não há razão de se falar em conexão, em religião, entre o que é vivido hoje, em meio ao concreto, e o futuro tão imaterial quanto outra vida, pois vivemos em espaços praticamente imutáveis. Não é de se espantar que muitas religiões tenham se voltado para a materialidade do agora e do amanhã. Riqueza, finanças e emprego visam à melhoria do espaço em que se vive. Essa é a nova visão do eterno.

O eterno, até então, era intuído a partir da natureza em constante transformação. O que permanecia enorme e imutável era o irrefreável espaço em transformação natural que chamamos de vida. Agora, não temos mais essa vida. A grandeza do eterno foi substituída pelo poder do homem, que age como um deus no espaço que imaginariamente pode controlar: o espaço virtual.

## A DINÂMICA TEMPORAL

Em um universo sem matéria, não existe o tempo: o ciclo temporal só pode ser medido quando ao menos uma partícula existe. Em outras palavras, sem matéria não se mede sequer o tempo gasto para percorrer seu comprimento, ou seu deslocamento visto por um observador, ou o tempo de uma mudança qualquer interna a essa matéria. O ser humano, todavia, percebe o espaço, o tempo e a si mesmo como coisas separadas (embora todas existam no conjunto da vida), e notadamente assume a religião como aquilo que o conecta a outra realidade, para além do espaço, do tempo e de sua dimensão vital.

Tendo em vista que a matéria muda lentamente, o que mais muda, no decorrer do dia, na vida humana? O tempo é a resposta, mas não o tempo natural: o que muda mais rapidamente é o tempo cronológico, porém cada vez mais irrelevante pela possibilidade de atuar no tempo a qualquer tempo, virtualmente. De qualquer forma, vivemos em um tempo artificial, um tempo que não tem vida, isto é, que não mais está relacionado à vida natural.

Na minha infância não havia horário de verão. Uma cena inesquecível, para mim, aconteceu quando eu e minha família observávamos o pôr do sol, no auge do verão, na varanda de nossa casa, quando alguém comentou: “Ei, são quase oito horas da noite! Como pode?”. Que momento incrível foi aquele! Era como se o anjo do tempo nos dissesse: “Vejam como Deus é capaz de modificar o céu e todas as coisas!”. Sim, Deus estava ali, o eterno que supera o tempo cronológico, comprovando sua força e mostrando, nas cores inimitáveis do fim do dia, a incapacidade humana de imitar as cores alaranjadas do poente, a incapacidade de alcançá-Lo. Era a vida e o tempo nos impactando.

Hoje, mudamos o tempo e apagamos o impacto da natureza em nossas almas. Mexemos no relógio, e o tempo não mais é percebido no universo natural. Não existe mais o tempo. O que existe é o regramento compassado da vida, fora da vida natural, e a nova atuação no tempo autodeterminado. A nossa dinâmica temporal está absolutamente desvinculada da natureza, não obstante outros países viverem uma sequência explícita de primavera, verão, outono e nevascas. Até nesses casos, contudo, o relógio é modificado e as programações diárias, como as que ocorrem na TV, se desvinculam da luminosidade. Por isso existe a imperativa necessidade do

verde nas ruas e nos gramados na frente das casas, em alguns lugares do mundo. Algum verde é necessário para lembrar a vida, em algum momento.

Se hoje não captamos o sentido das mudanças ao nosso redor, se não prestamos mais atenção à variação da dinâmica espacial natural, como, então, nosso mundo artificial irá nos dar algum sentido sobre algo que, supostamente ou não, venha depois, na dimensão do eterno? Na mente humana moderna sequer existe a consideração de “depois”, a não ser na agenda cronológica. Se não fossem as comemorações de aniversário, provavelmente nossa noção de existência concreta ficaria perdida. E até mesmo esse ritual é rejeitado por algumas pessoas, atualmente, para que ninguém venha a se lembrar de que o tempo está passando e o corpo está envelhecendo.

A morte faz parte da vida. Se não percebemos coisas nascendo, murchando e morrendo, em nós e ao nosso redor, não percebemos a vida. Se rejeitamos a natureza do envelhecer, rejeitamos a nós mesmos com a vida e a natureza.

Muitas coisas podem mudar no tempo de uma vida. Quarenta anos atrás, os sinos das igrejas badalavam o mesmo número de vezes das horas que marcavam, sonoramente, e a cada meia-hora um toque simples de sino se ouvia. Trinta anos atrás, os relógios de pulso digitais eram moda, e a cada hora completada o relógio da marca Casio produzia dois bipes (e um bipe a cada meia-hora, se o relógio fosse programado para isso). Havia o som das horas, o som do tempo. A *Ave Maria* era rezada às seis da tarde, uma tradição católica. Era a celebração do fim do dia, do lado de fora das igrejas. Agora, não se ouve mais o som do tempo, nem as orações vindas das casas. O tempo fazia parte das pessoas. Hoje, as pessoas fazem parte do tempo, tanto quanto elas precisam caber nas roupas vendidas nas lojas, e não o contrário. Ouve-se mais o som de mensagens que chegam pelo telefone celular do que o som da vida passando.

A prisão temporal em que a humanidade se meteu pode ser vista, literalmente, na convivência humana (ou falta dela). Seja no “tempo livre”, seja no horário de trabalho, as pessoas frequentemente estão olhando para baixo, para as suas mãos, para o celular. Nesse dispositivo, que originalmente servia apenas para emitir a voz de outra pessoa falando à distância, também se encontram passatempos e investimentos de tempo: jogos eletrônicos, aplicativos que ensinam outro idioma, redes de emprego, informações para serem usadas em relatórios ou trabalhos de escola etc. Há menos tempo a ser vivido ao redor.

Dizem que “tempo é dinheiro”, mas alguém há muito tempo percebeu que não é bem assim: “tempo é vida”. Discute-se, hoje, não como as pessoas estão “perdendo o tempo”, mas como estão “gastando o seu tempo”. Antigamente, “perder tempo” era fazer coisas inúteis, ou não fazer nada. Hoje, todo o tempo disponível é ocupado, gasto ou investido com alguma coisa, tal como na troca incessante de mensagens por aplicativo. Essas mensagens alimentam o ser humano na vida atual, a vida digital.



O uso do tempo é trocado por serotonina oriunda da felicidade de ver uma resposta virtual. A cada encontro com respostas virtuais, agradáveis ou não, o sentimento de se sentir vivo aparece.

Antes, a vida acontecia com a leitura de livros demorados, com o prazer da descoberta lenta como a vida, no contato com o papel tangível. Hoje, a vida acontece a cada segundo em uma pequena tela eletrônica, que nem precisa ser tocada para mostrar algo em movimento e com som. Um livro, por outro lado, normalmente demora horas para satisfazer o leitor ou confrontá-lo com sentimentos inquietantes, ainda com a desvantagem de não contar com respostas imediatas, localizáveis na ponta dos dedos.

Na maior parte de nosso dia, onde há mais atividade de vida? Qual é a parte do tempo em que há maior reforço do nosso próprio destino? Em qual dimensão há mais trocas, enriquecedoras ou redundantes? Ao que parece, qualquer resposta envolveria o uso egocentrado do tempo, hoje usado mais para confirmação da própria existência do que para conhecer outras existências diferentes. A proximidade virtual, de interesses e satisfações, é mais buscada do que a proximidade humana, que revelaria erros e acertos, exemplos a serem seguidos ou a serem evitados. A história humana, a vida humana, está sendo suplantada por pedaços de tempo sem verdadeira vida.

## A DINÂMICA HUMANA

Existe algo mais caracteristicamente humano do que o almoço em família? Talvez haja, mas isso será assunto lá na frente.

Na reunião familiar estão as marcas mais humanas que existem, tais como a característica humana de ser gregário, o momento de compartilhar histórias e conhecimentos, o instante em que se revê a vida de cada um e de todos ao mesmo tempo... O encontro familiar comensal é o evento no qual a vida é repassada aos mais jovens, seja pelo alimento fornecido, seja na exemplificação das formas familiares de se viver. Com a crescente escassez desse momento humano, causado pela pressa moderna, extinguem-se caminhos e possibilidades.

O tradicional almoço em família praticamente acabou nem tanto por causa da distância física, mas principalmente por causa do distanciamento humano. Não por exclusiva causa da tecnologia que desvia a atenção dos olhares, ou das notícias em “tempo real” que chamam mais a atenção do que primos rabugentos, mas por causa do valor que o mundo atual propõe como mais relevante. O ser humano de hoje não precisa de pessoas da família para ser alimentado, nem de informações exclusivamente familiares que, por meio do jantar, certamente trariam vantagens para a vida pessoal ou profissional.

A mera percepção de que se está ganhando algo já basta ao homem contemporâneo. Informações vazias buscadas avidamente em um meio digital, acessadas espertamente “antes de todo mundo”, e percepções ilusórias de ganhos invisíveis, porém contáveis para algum tipo de “fama virtual”, são melhores do que qualquer almoço. Os alimentos vindos diretamente da vida natural são menos importantes, no modo de vida hodierno, do que o atendimento de expectativas mentais. Além disso, a alimentação tradicional demanda tempo e espaço adequado para ser preparado, custando muito mais caro do que acessos à internet. Comida pronta é melhor, e não traz o risco de críticas embutidas na salada.

Até a década de 1970, comia-se não apenas porque todo mundo estava comendo: o almoço estava na mesa e seu proveito era óbvio e necessário. Era quase um ritual, uma celebração. Havia até uma obrigação violenta de comer e, por vezes, ameaças de tapas ou castigos caso os filhos desobedecessem. Na década de 1980, alguns pais prometiam prêmios para a criança que comesse tudo o que havia no prato: era oferecido um doce, o direito brincar até mais tarde com os amigos, sorvete... Mas, nessa época, surgiu algo que substituiria muitas brincadeiras e serviria de passatempo principal entre os mais jovens: o videogame. Na década de 1990 os videogames, mais poderosos no processamento de imagens e de sons do que na década anterior, estavam no seio da família, porém desvinculado da função familiar. A popularização dos computadores pessoais e a criação de jogos que simulavam tanto os fliperamas dos tempos de adolescência quanto os jogos de cartas que os avós ensinavam colocou a eletrônica como vértice de um novo mundo de pessoas afastadas. Paciência, agora, é um jogo no PC. Amizades e relações afetivas passaram a acontecer independentemente do círculo humano mais próximo, que ocorria na rua ou na família. Eis, então, que chegou a “Era dos Celulares”, que em pouco tempo substituiu a televisão da sala, o jornal de papel, o videogame, o computador pessoal e o arcaico telefone que só transmitia e recebia sons. A internet nos celulares transformou o ser humano em uma célula absorvedora de informação, entretenimento e conhecimento. Esse pequeno dispositivo tecnológico, em outras palavras, obnubilou importantes funções da família.

Tão caracteristicamente humanas quanto as relações familiares são as relações de trabalho. Não é de se espantar que tenha havido certa correspondência entre a evolução familiar e o universo do trabalho.

Antes, as pessoas livres trabalhavam tendo a seguinte visão: em troca do trabalho, tem-se a manutenção da vida. O trabalho, a comida e a vida eram celebrados. Havia até uma obrigação violenta de trabalhar com a menor idade possível, para ajudar a família a pagar as contas, o que ocorria muitas vezes por meio de violência explícita nas ordens verbais. Recebia-se um salário em dinheiro (ou uma parte do todo produzido) que compensava as horas trabalhadas. Então, o

trabalho passou a oferecer prêmios por produtividade. Outros benefícios surgiram, desatrelados diretamente da produtividade, tais como vale-refeição, vale-transporte e planos de saúde. Eis, então, que chegou a "Era da Inovação". Empresas como a Google adotaram princípios que eram exclusivos da família, tais como compartilhar tudo (inclusive os fracassos) e a adoção de uma missão significativa na vida (laboral). Construíram locais de trabalho permeados de jogos e ambientes lúdicos: a diversão entrou no âmbito da produção, agora um local indistinto seja para passar o tempo ou trabalhar. Alguns empregados, também chamados erroneamente de parceiros, funcionários ou colaboradores, se sentiam mais felizes no trabalho do que em casa. Até que, mais recentemente, o "homem celular", aquele capaz de produzir individualmente relatórios no smartphone, tanto no metrô quanto no quarto em que dorme, "gamificou" suas necessidades. Longe do contato humano, e com o contexto do trabalho penetrado por jogos competitivos, o extremo afago mental passou a ser um importante valor.

A vida começa a ser um jogo no qual são procurados benefícios reais a partir de atividades virtuais: cliques em páginas de redes sociais retornam assuntos similares mostrados nos navegadores; compras em lojas eletrônicas fazem acumular pontos que podem ser trocados por qualquer coisa; o tempo gasto em jogos na Internet traz vantagens e melhorias no próprio jogo; acessos a blogs garantem participação em sorteios para viagens; visitas a lojas virtuais de departamentos geram cupons de desconto; o fornecimento do e-mail pessoal e do número de cadastro de pessoa física garante preços menores em farmácias e shoppings. Isso só para citar alguns exemplos.

A "gamificação" (ou *gueimeficação*) é algo derivado da perspectiva de que a vida precisa ser divertida. Um paradoxo, isto é, de acordo com essa nova visão de mundo, algo na vida precisa ser inserido para fazer a vida ser vivida como diversa da dura vida concreta que é, repleta de eventos frustrantes e de impossibilidades. A vida, e de preferência uma vida virtual sem sofrimentos, apresenta-se mais interessante, diferente da vida real (tediosa, repetitiva, estressante). Por melhor que sejam as intenções, contudo, essa prática (ou estratégia) desvia a mente humana de suas atividades realmente humanas. A "gamificação", para sintetizar, é a derrota da vida real para o mundo virtual. A vida real passa a ser não apenas mediada como também conduzida por dados informatizados. Para ser suportável, surgiu esse novo entendimento de que a vida precisa de bônus a cada passo que se dê, em cada fase de ação que o indivíduo pode escolher se participa ou não, como num jogo de videogame.

A tendência da tecnologia retroalimentada por dados é que funcionários ganhem imagens de trofeuzinhos no ambiente organizacional virtual por estacionarem seus carros, ligados ao GPS, nos lugares que mais beneficiam a empresa; que clientes

de uma determinada marca ganhem íconezinhos em formato de medalhinhas postadas no ranking de compradores mais frequentes do site oficial; que pessoas sejam ranqueadas no mundo digital para terem preferências na compra dos novos lançamentos via internet, e daí por diante. Apesar de esses exemplos serem similares a práticas comerciais bastante antigas, o ciclo, agora, é totalmente digital e disponível a qualquer tempo. O espaço físico, quando existe, é só um elemento do processo. O tempo de vida fica em um universo semiparalelo.

Dizem os “gamificadores” que não se trata de competição, mas de comparação. Comparação dos resultados na vida, em especial a vida no trabalho, com outros resultados, isto é, resultados de outras pessoas, sejam colegas ou concorrentes. Se isso não é competição, fica difícil saber o que é. Pior do que isso é ver que o objetivo último da “gamificação” é o engajamento em atividades com tempos definidos e metas preestabelecidas: as brincadeiras, em suma, são usadas para provocar divertidamente o comprometimento humano. Nesse meio-tempo, a virtual comparação pessoal na vida digitalizada vem ocorrendo não apenas entre pessoas, mas também entre elas e dados de robôs simuladores. Softwares calculam os melhores resultados e projetam como meta para pessoas “gamificadas”. Nesse cenário, acabou a interação entre o ser humano e a vida natural, na qual a vida humana deveria ocorrer de maneira integral. Com isso, também acabam as noções de eterno e de transitório, e entra no lugar o período de validade de um desafio, de um evento ou de uma atividade. A vida está em prazos.

A dinâmica humana, definitivamente, está sendo mudada pela tecnologia. Se isso é bom ou ruim, só os anos poderão dizer. Por ora, basta citar Fernando Pessoa: “Mas se Deus é as flores e as árvores / E os montes e sol e o luar, / Então acredito nele, / Então acredito nele a toda a hora / E a minha vida é toda uma oração e uma missa, / E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos” (PESSOA, 1925).

## CONCLUSÃO

Se um de nós for a uma esquina, agora, e encontrar alguém vestido de Napoleão Bonaparte, com chapéu de Napoleão e dizendo se chamar Napoleão, muito provavelmente é um louco (ou um artista em fingimento consciente). Mas se nós estivéssemos na França, em 1808, e encontrássemos em uma esquina alguém vestido de Napoleão Bonaparte, com chapéu de Napoleão Bonaparte e dizendo se chamar Napoleão Bonaparte, muito provavelmente esse alguém seria o próprio Napoleão. O louco, portanto, é alguém que está fora de seu espaço, longe de seu tempo e assumindo uma identidade que não é a sua (ou seja, sua verdadeira e natural identidade, aquela relacionada ao nome de sua família).

Talvez seja a hora de considerarmos se as pessoas do mundo atual estão

querendo viver à base de loucuras conscientes, utilizando avatares virtuais em um tempo paralelo ao tempo vital, em espaços simulados e em relações emuladas que não são a vida verdadeira. Um tipo de fuga da vida, um tipo de loucura escolhida, semiconsciente de seus resultados.

Não há religião sem vida, nem há vida plena com distanciamento da vida natural. A vida simulada não é vida verdadeira. A estação da primavera significa exatamente isso, a vida que se torna verdadeira após o inverno, pela primeira vez constatada após sua morte gélida, no ciclo anual da natureza.

A verdade é a vida. Se a vida, hoje, não se encontrar com a verdade amanhã, há tempo de corrigir. Só não há como fazer isso se a incerteza cética for absoluta hoje, amanhã ou depois de amanhã, ou se a realidade for mudada para um mundo em que não haja natureza. Um mundo de vidas impalpáveis, em um tipo de vida distemporal.

## REFERÊNCIAS

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanhos** (1925). Alberto Caeiro: V - Há metafísica bastante em não pensar em nada. Disponível em: <<http://www.arquivopessoa.net/textos/1482>>. Acesso em 07/10/2019.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**Marcelo Máximo Purificação** - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

**Elisângela Maura Catarino** - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

### C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

### D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

### E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

### G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

### H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

### I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

### L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

### M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

### N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

## **P**

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

## **R**

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

## **S**

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

## **T**

Teologia da libertação 44, 50

## **V**

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458